

Caderno  
de Resumos

1º  
GiR  
ANTROPOLOGICO

ANTROPOLOGIA E  
ESPACIALIDADES

26 a 30 DE NOVEMBRO DE 2018  
UFPB | RIO TINTO | PARAÍBA

## COMISSÃO ORGANIZADIRA

### COORDENAÇÃO GERAL

Alessa C. P. de Souza  
Antônio Manoel Elíbio Júnior  
Lara Erendira Almeida de  
Andrade  
Natália de Campos



### COMISSÕES

#### Comunicação:

Lara E. A. de Andrade  
Guilherme Fernandes  
Jonas da Costa Bezerra  
Myrella Barbosa Dantas Gico

#### Monitoria:

Natália de Campos  
Alessa Souza  
Francisco Paulino de Oliveira  
Neto  
Jaqueline Felix dos Santos  
Marlon Nilton da Silva Galvão  
Nathália Jorge Novais

#### Infraestrutura:

Antônio Manoel Elíbio Júnior  
Aurélia Veríssimo  
Dilma Dantas  
Djuliane Manoelly Benigno do  
Nascimento  
Ednilza Cabral do Nascimento  
Glaucio Machado  
Luzinete Farias

#### Atividades Artístico-culturais:

Marco Aurélio  
Djuliane Manoelly Benigno do  
Nascimento  
Gabriela Salatine

João Victor Velame  
Juscelino Silva Souza  
Marlon Nilton da Silva Galvão  
Nathália Jorge Novais

#### Monitores/as:

Ana Cristina da Silva Gomes  
Andreia da Silva Rodrigues Lima  
Aurélia Maria Verrissimo de Lima  
Diego Vartuli Cavanellas  
Dilma da Silva Dantas  
Edineide Pessoa de Melo  
Francisco Paulino de Oliveira  
Neto  
Guilherme Martins Fernandes  
Jaqueline Felix dos Santos  
João Vitor Velame  
Jonas da Costa Bezerra  
Juscelino Silva de Souza  
Kyara Lígia Rocha Oliveira da  
Silva  
Luriana de Sousa Barros  
Luzinete da C. F. Silva  
Melba Godoi Vieira  
Nathália Jorge Novais  
Samira Cardoso de Menezes  
Silvano Abade Queiroz

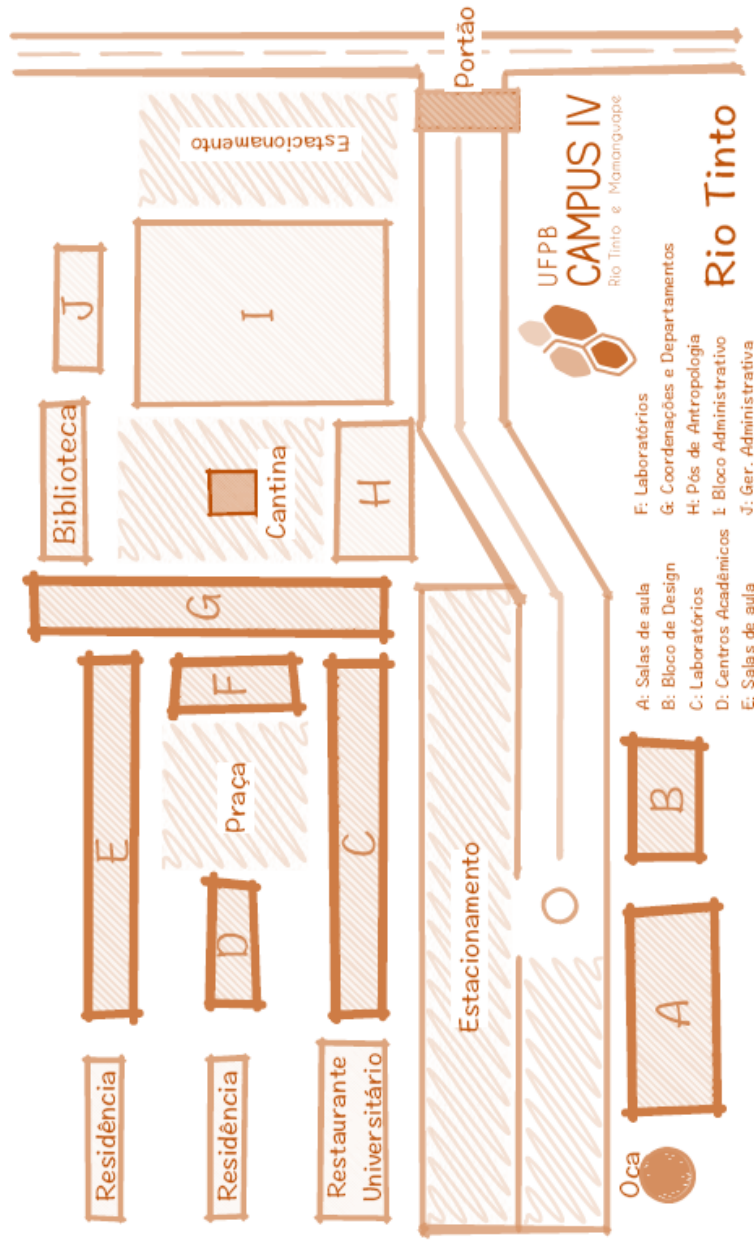
#### Organização e edição do caderno de resumos:

Lara Erendira Almeida de Andrade

**Projeto Gráfico do evento:** Myrella Barbosa Dantas Gico

**ISBN:** XXXX-XXXX

**Rio Tinto, 2018**



# SUMÁRIO

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Programação Geral.....    | 5  |
| Palestras e Mesas.....    | 7  |
| Mini-cursos.....          | 9  |
| Lançamento de Livros..... | 12 |
| Sessões Coordenadas.....  | 13 |



## Programação Geral

### Segunda-feira | 26/11

#### Tarde

14hrs - 17hrs | Credenciamento - Coordenação de Antropologia

14hrs - 17hrs | MC-01. Antropologia e Mapas

16hrs - 18hrs | MC-03. Literatura, Antropologia e Política- Hermenêutica [...]

#### Noite - Central de Aulas

18:00hrs | Intervenção com Valéria

19:30hrs | Mesa de Abertura

19:30hrs | Palestra de Abertura: **A crise internacional e a democracia ameaçada**

### Terça-feira | 27/11

#### Tarde

13:30hrs | Intervenção com Leslie Joey, Performance no Tecido - Central de Aulas

14hrs - 17hrs | MC-01. Antropologia e Mapas

14hrs - 18hrs | MC-02. Protagonismo social na gestão patrimonial

16hrs - 18hrs | MC-03. Literatura, Antropologia e Política- Hermenêutica [...]

14hrs - 17hrs | MC-04. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia

#### Noite

18:00hrs | Intervenção com o Povo Tabajara- Oca

19:30hrs | **Sessões coordenadas**

### Quarta-feira | 28/11

#### Tarde

14hrs - 17hrs | MC-01. Antropologia e Mapas

14hrs - 18hrs | MC-02. Protagonismo social na gestão patrimonial

16hrs - 18hrs | MC-03. Literatura, Antropologia e Política- Hermenêutica [...]

14hrs - 17hrs | MC-04. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia

#### Noite

19:30hrs | Lançamento de livros - Central de Aulas

19:30hrs | Sessão extra da SCO6 Festas e culturas populares [...]

20:30hrs | Coffee Break - Central de Aulas



## Quinta-feira | 29/11

### Tarde

14hrs - 17hrs | MC-01. Antropologia e Mapas

14hrs - 17hrs | MC-04. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia

### Noite

17:00hrs | Cine-Bicha - Praça dos Ventos

19:30hrs | **Mesa Redonda: Saúde mental na universidade** - Central de Aulas

## Sexta-feira | 30/11

### Tarde

14hrs - 17hrs | MC-01. Antropologia e Mapas

14hrs - 17hrs | MC-04. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia

### Noite

18:00hrs | Intervenção com Povo Potiguará - Oca

19:30hrs | Palestra de encerramento: **Metodologia e ética na análise antropológica: refletindo a pesquisa nacional sobre aborto** - Central de Aulas

22:00 hrs | Festa de Encerramento - Beco SN



## Palestras e Mesas

### Segunda-feira | 26/11

19:30hrs | Palestra de Abertura: A crise internacional e a democracia ameaçada

Prof<sup>º</sup> Dr. Marcos Costa Lima (PPGCP/UFPE)

Mediador: Dr. Antônio Manoel Elíbio Júnior (DCS/UFPB)

Sobre o palestrante | O Professor Marcos Costa Lima é Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP e Pós-Doutor pela Université Paris XIII. Atualmente é Professor Associado II do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE. É fundador e coordenador do Instituto de Estudos da Ásia. Foi docente convidado em diversas Universidades entre as quais: Université Sorbonne Nouvelle, Universidade de Leiden e University of Walles. É um dos maiores especialistas nos temas Mercosul, Globalização e Teorias Pós-Coloniais.

### Quinta-feira | 29/11

19:30hrs | Mesa Redonda: Saúde mental na universidade

Coordenadora: Dr<sup>ª</sup>. Luziana Silva (DCS/UFPB)

Dr<sup>ª</sup>. Juliana Sampaio (Prof<sup>ª</sup>. do Departamento de Promoção da Saúde da UFPB)

Esp. José Augusto Rocha (Psicólogo da SESAI/DSEI)

O tema da saúde mental é de suma importância para o ambiente universitário, entretanto, pouco se tem debatido sobre a questão nas universidades. Em que pese à fila de espera para os atendimentos psicológicos, os casos de suicídios e de assédio (moral e sexual), soma-se a tal cenário às incertezas sobre a conjuntura atual, sobre o campo de atuação e a garantia de direitos sociais/estudantis. Ademais, embora tenha sido comum ouvir relatos de desânimo, de ansiedade, desamparo, quer de alunos ou professores, essas inquietações ainda têm ficado circunscritas ao campo do privado. Diante do exposto, aceitamos o desafio de problematizar a saúde mental, assim como, o sofrimento, as angústias e adoecimentos na comunidade acadêmica. Entendemos que um diálogo aberto, quiçá, possa contribuir para descortinar os pontos de tensão que configuram as instituições de ensino superior como espaços



de produção/reprodução de violência e sofrimento mental, e as impedem de se efetivarem como espaços acolhedores de desenvolvimento de habilidades (inclusive, emocionais e sociais).

## Sexta-feira | 30/11

19:30hrs | Palestra de encerramento: **Metodologia e ética na análise antropológica: refletindo a pesquisa nacional sobre aborto.**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Rozeli Porto (PPGAS/UFRN)

Mediadora: Dr<sup>ª</sup>. Kelly Emanuely de Oliveira (DCS/UFPB)

A mesa se propõe a trazer uma reflexão sobre a construção de pesquisas relacionadas à temática do Aborto, que vêm sendo discutidas em instâncias nacionais e internacionais. A antropóloga Rozeli Porto, que participa do grupo de pesquisadoras envolvidas no desenvolvimento de estudos na área, se propõe a dialogar sobre os caminhos éticos e metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa, e os avanços que temos sobre a temática na atualidade.

Sobre a palestrante | Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (DAN/PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Possui Mestrado e Doutorado em Antropologia Social (2002/2009) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com estância de doutorado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa/PT. Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidad de Sevilla-España (2016). Faz parte da Red LIESS - Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistorico de las Sexualidades/Espanha -, do Grupo Gênero, Corpo e Sexualidades (GCS/UFRN), do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC) e do Laboratório de Estudos das Violências (LEVIS/UFSC). Sócia efetiva, vice tesoureira e membro do Comitê Gênero e Sexualidades da ABA. Tem experiência na área de Teoria Antropológica, Antropologia do Corpo, da Saúde e da Doença, Antropologia das Relações de Gênero (com enfoques e articulações em Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos - Aborto, Parto, Nascimento - doenças endêmicas (zika, dengue, Chikungunya), Medicamentos, Feminismos, Sexualidades e Violências).





## Mini-cursos

*MC-01. Antropologia e Mapas: saberes e práticas numa perspectiva decolonial*  
Dr. Thiago Mota Cardoso (UFBA), Me. Marcelino Soyinka Santos Dantas (Funai)

Ementa: Antropól@s, desde os primórdios deste campo do conhecimento tem nos mapas um companheiro, seja para localizar os povos e coletivos nas etnografias, seja para desenhar nos mapas os astros, as narrativas míticas, territorialidades e a vida em movimento. Nos últimos 20 anos, observa-se a generalização do uso de mapas como recurso-instrumentos-práticas de garantia de direitos territoriais, de manejo de conflitos e de gestão ambiental e territorial no contexto dos territórios indígenas, dos povos e comunidades tradicionais e camponeses latino-americanos, bem como de coletivos urbanos e movimentos sociais, o que muitos autores chamam de “virada territorial”.

Os chamados mapeamentos participativos, etnomapeamentos ou cartografias sociais/afetivas, articulam diferentes práticas de conhecimento, técnicas e métodos, entre diferentes coletivos de povos e organizações indígenas, antropólogos, e outras instâncias e instituições estatais, da sociedade civil e da cooperação internacional, perfazendo o que vamos denominar de “encontros cartográficos”. Todavia pouco se tem feito para compreender antropológicamente o casamento da etnografia com a cartografia. Da passagem dos mapas “como verdade”, para os mapas como construção social, os olhos dos etnólogos passaram a focar as múltiplas representações sobre o território, num quadro do multiculturalismo, ou do relativismo epistêmico, como forma de simetrizar diferentes formas de conhecimento tecnocientífico. Mais recentemente abordagens fenomenológicas e sociotécnicas vem repensando os mapas por meio de abordagens que extrapolam o seu uso enquanto representações do real, criticando o “império da cartografia”.

Objetivos: O presente curso terá um enfoque prático e vivencial e busca “repensar os mapas” por meio de uma reflexão sobre a potencialidade de se fazer uma antropologia dos e com os mapas nos marcos de uma abordagem pós-representacional. Por meio da análise de situações de trabalho antropológico com vistas a compreender a paisagem e da territorialidade junto a povos indígenas e comunidades tradicionais pretendemos refletir sobre a técnica de produção e a circulação dos mapas, reconhecendo-os como contingentes e relacionais aos “encontros cartográfico”, bem como aos seus



contextos cosmopolíticos no sentido de nos perguntarmos: o que faz acontecer os mapas? E qual o papel d@ cientista social em sua produção?

Além disso, pretende-se que os/as participantes sejam apresentados às ferramentas envolvidas na produção dos mapas através do estudo, discussão de conceitos e exercícios práticos utilizando-se destas geotecnologias. Neste sentido, através de exemplos e práticas de construção de mapas com os softwares e plataformas digitais mais comumente utilizadas, pretende-se refletir sobre suas potencialidades, implicações, limitações e alguns de seus pressupostos frequentemente invisibilizados e portanto, naturalizados.

Carga horária: 15 horas

Horário: de segunda a sexta das 14 às 17 horas

#### *MC-02. Protagonismo social na gestão patrimonial*

Ana Rodrigues (Quilombo do Ipiranga) e Me. Darllan da Rocha (DCS/UFPB)

O minicurso visa capacitar e refletir sobre a gestão do patrimônio e seus estudos a partir da perspectiva da ação social (Weber, 2004) e da experiência do Coko de Roda Novo Quilombo.. Considerando etapas de identificação, descrição, diagnóstico e planejamento como experiências vividas por diversos grupos sociais, propomos a reflexividade crítica (MARCUS, 1995) como método de análise e difusão do Patrimônio Cultural. Número de cursistas: 20 participantes.

Carga horária: 8 horas

Horário: terça e quarta, das 14 às 18 horas

#### *MC-03. Literatura, Antropologia e Política- Hermenêutica e Interpretação na 'Tenda do Milagres' de Amado.*

Ministrantes: Dr. Daniel Chacon (DCSA/CCAÉ) e Dr. Cristiano Bonneau (DCS/CCAÉ)

O cruzamento de três personagens da obra 'Tenda dos Milagres', de Jorge Amado - Pedro Arcanjo (o bedel), Argolo (o professor) e Mestre Lidio (o sacerdote), revelam as disputas étnico-raciais e ideológicas que compõem a complexa pauta da identidade do povo brasileiro. Este minicurso pretende explorar essas relações que perpassam a luta de classes e o advento do positivismo absoluto, que justifica o darwinismo social e o preconceito racial. O marco civilizatório brasileiro se consolida pela opressão, discriminação e



dominação de uma cultura, a soteropolitização, sobre as outras formas de existência.

Cronograma:

1º Dia: Hermenêutica e Literatura nas Ciências Humanas: Schleiermacher, Ricoeur e Deleuze;

2º Dia: Amado: Intérprete do Brasil- a Ocasão da 'Tenda dos Milagres', Pedro Archanjo e a importância das obras de Nina Rodrigues e Manoel Querino;

3º Dia: Pedro Archanjo: o centro da disputa entre dóxa e epistême.

Carga horária: 6hrs

Horário: das 16hrs às 18hrs, segunda, terça e quarta-feira.

*MC-04. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia: considerações sobre a experiência etnográfica e seu registro*

Ministrantes: Dr<sup>a</sup>. Alessa Souza (DCS/UFPB), Dr<sup>a</sup>. Kelly Oliveira (DCS/UFPB), Ma. Ana Carolina Paz (PPGA/UFBA); Ma. Deyse Amarante Brandão (PPGA/UFRN); e Ivandielly Menezes (PPGA/UFPB)

O minicurso pretende discutir os primeiros passos da pesquisa de campo, com as estratégias metodológicas do fazer etnográfico. Tencionamos levar os participantes a discutir a chegada ao campo, os primeiros contatos, os instrumentos etnográficos possíveis de serem utilizados neste momento, desde o caderno de campo, gravador e câmeras fotográficas ou de vídeo. Por outro lado, discutiremos as possibilidades de visualização de dados durante a pesquisa, que podem ir desde a análise de histórias orais, observação participante, análise de fontes escritas e documentais.

Carga horária: 12 horas

Horário: de terça a sexta das 14 às 17 horas



## Lançamento de Livros

### 🔑 **Campos e fronteiras etnográficas nas pesquisas em escolas e prisões.**

Vanderlan Silva (Org.)  
EDUFCG, 2017.

### 🔑 **O estranho Rio Tinto - retratos de uma história encantada.**

Andreza Santos, Marlon Nilton e Theo Barreto.  
Editora FeF Ltda, 2017.

### 🔑 **Etnográficas Urbanas - espaço, imagem e diferença na cidade.**

Luciana Maria Ribeiro de Oliveira e Marco Aurélio Paz Tella (Orgs).  
Guetu, 2017.

### 🔑 **Mas, será o Benedito! Recosec e a coletânea de Inventários**

Participativos no Vale do Mamanguape  
Maria Luzitana Conceição dos Santos  
Oswaldo Giovannini Júnior  
CCTA, 2018.

### 🔑 **Território, ambiente, identidade e poder: Reflexões a partir de múltiplas perspectivas**

Alexandra Barbosa da Silva, Baltazar Macaíba de Sousa, Fabio Mura e Ruth Henrique da Silva (Orgs).  
Geti, Editora da UFPB, 2017.

### 🔑 **Por que a guerra?: Das batalhas gregas à ciberguerra - Uma história da violência entre os homens.**

Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster Sousa Leão (orgs.).  
Civilização Brasileira, 2018

### 🔑 **Áltera Revista de Antropologia**

Editores: Pedro Guedes Nascimento, Marcos Castro Carvalho e Patrícia dos Santos Pinheiro  
PPGA UFPB, 2018



# Sessões Coordenadas

## SC-01.

### **Etnografias urbanas, sociabilidades e lazer**

Coordenação: Dr<sup>o</sup>. Alessa C. P. De Souza (DCS/UFPB) e Dr. Marco Aurélio Paz Tella (DCS/UFPB)

## SC-02.

### **Patrimônio Cultural, memória e sensibilidades urbanas**

Coordenação: Dr. Antônio Manoel Elíbio Júnior (DCS/UFPB) e Me. Darllan da Rocha (DCS/UFPB)

## SC-03.

### **Terras Indígenas, áreas protegidas e conflitos socioambientais**

Coordenação: Ma. Lara Erendira Almeida de Andrade (DCS/UFPB), Dr. Thiago Mota Cardoso (PPGA/UFBA), Me. Marcelino Soyinka Santos Dantas (Funai)

## SC-04.

### **Populações tradicionais, Memória e mobilização social**

Coordenação: Dr<sup>o</sup>. Kelly Emanuely de Oliveira (DCS/UFPB), Dr. Estêvão Martins Palitot (DCS/UFPB) e Dr<sup>o</sup>. Ruth Henrique (DCS/UFPB)

## SC-05.

### **“Diferenças e subjetividades corporificadas”**

Coordenadores: Dr. Marcos Carvalho (PPGA/UFPB), Dr<sup>o</sup>. Patrícia dos Santos Pinheiro (PPGA/UFPB), Márcia Alexandrino Lima (PPGA/UFPB)

## SC-06.

### **Festas e culturas populares: imagem, corpo, ritual e performance.**

Coordenação: Dr. Oswaldo Giovannini Jr (DCS/UFPB)

# SC-01.

## **Etnografias urbanas, sociabilidades e lazer**

Coordenação: Dr<sup>o</sup>. Alessa C. P. De Souza (DCS/UFPB)  
e Dr. Marco Aurélio Paz Tella (DCS/UFPB)

A proposta deste GT é reunir pesquisas etnográficas que abordem as diversas formas e dinâmicas de manifestações, sociabilidades e comportamentos na construção e produção dos cenários cotidianos das cidades. Assim, pesquisas que perpassem as temáticas da dinâmica cultural nas cidades; casa e rua; público, privado e doméstico; centro e periferia; diferentes concepções de lazer; festas e musicalidades; manifestações religiosas, intervenções urbanas e culturas juvenis; formas de segregação, marcadores sociais da diferença; grupos urbanos e situações de vulnerabilidade social; subversão, sociabilidades urbanas e uso de drogas; criminalidades, violências e segurança pública, dentre outras que tragam reflexões sobre as buscas por reconhecimento e subjetividades produzidas nas cidades, interessam a esse grupo de trabalho

## RESISTÊNCIA E SOCIABILIDADE: UMA APROXIMAÇÃO COM B-BOYS DO MUNICÍPIO DE RIO TINTO/PB

LUIZ CARLOS DE LIMA DO NASCIMENTO

A partir de uma reflexão sobre o break dance como ferramenta de intervenção social e resistência, o presente trabalho é resultado de uma aproximação com jovens da Crew Clan Potiguara (moradores do município de Rio Tinto, litoral norte da Paraíba) que com suas especificidades geram tensões com produtos impostos pela cultura dominante, política e demais questões sociais predominantes. Algumas hipóteses pairam em torno da dança, das culturas juvenis e de intervenções públicas voltadas para tal grupo, mas, normalmente, sem nenhuma relação aparente entre elas. Para a antropologia, as práticas culturais dos jovens são vistas como um importante instrumento de socialização, capaz de possibilitar um ambiente de criação, reflexão e fortalecimento de vínculos, gerando uma identidade entre os participantes de um dado grupo e, com isso, transmitindo valores da cultura herdada (Bourdieu, 2006). Esta pesquisa tem como foco a observação de um grupo de b-boys (praticantes do breaking dance); controversos, polêmicos e contestados sujeitos, como são entendidos pelo senso comum, que cada vez mais ocupam espaço e visibilidade nas cidades de todo o mundo. Os integrantes da crew/grupo Clan Potiguara\*, compostas por jovens moradores do município de Rio Tinto (pequena cidade do litoral norte da Paraíba) se mostram engajados e comprometidos com aquilo que desejam, capazes de perceber de outros modos o que ocorre no cotidiano, incluindo a cidade. É preciso, portanto, situar a presença destes indivíduos na discussão da questão urbana, de modo que a mesma não se torne esvaziada. Tendo o breaking como uma prática fortemente relacionada a uma cultura juvenil e de presença cada vez maior nos centros urbanos, partimos dos ambientes de treinos, chyper e batalhas/campeonatos que normalmente acontecem em locais públicos (quadras esportivas, praças e ruas), consideramos a rua não somente de forma genérica, mas buscando analisar inicialmente este contexto em relação a outros já



tradicionalmente estabelecidos, como a escola e a casa. Mantenho contato com a única crew ativa do município de Rio Tinto (litoral norte da PB), desde fevereiro de 2016, quando fui convidado por uma integrante (Sís) para fotografar uma cypher que também contou com a participação de alguns b-boys da cidade de Mamanguape. Atualmente, o grupo não conta mais com uma rotina de ensaios/treinos e os encontros que acontecem entre todos os integrantes acabam se dando em contextos não restritos ao universo do breaking. De qualquer forma, mantenho o meu foco de pesquisa nos seis integrantes (entre eles, apenas uma garota) da crew e como eles se reconhecem ainda enquanto grupo: "aqui só têm os verdadeiros", "alguns só vinham porque tinham umas meninas assistindo os treinos", diziam alguns dos integrantes em um dos encontros. A partir do cotidiano com suas tramas, conflitos, tensões, crises, alegrias, afetos... acompanhei a rotina dos membros da crew, os encontros, como são negociados (com a prefeitura e sociedade em geral) e ocupados os espaços, forma de organização, condução e métodos empregados nos treinos, como planejam as apresentações públicas e participações em cyphes e batalhas (organizadas por eles e em outras localidades) e viagens para cidades vizinhas. Com essa etnografia, busca-se criar um entendimento no que concerne a construção de uma identidade e a criação de redes de sociabilidade entre os b-boys e b-girl da crew e demais jovens dentro dos espaços por eles percorridos.

*Bibliografia/Referências:* BARTH, Fredrick. Os Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas. - Rio de Janeiro. Contracampo, 2000 BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. Rev. Sociol. Polit. [online], n. 26. pp.83-92. 2006 GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. - Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989 HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Ermínia Maricato [et. al.]. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013 HEBDIDGE, D. Subcultura, el significado del estilo. - Barcelona, Editorial Paidós, 2004 MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas





para uuma etnografia urbana. - São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 17, n. 49. - São Paulo, 2002 PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003 ZENI, Bruno. O Negro do Rap: entre a lei do cão e a lei da selva. - São Paulo: Estudos Avançados, v. 18, n. 50, 2014 .

A banca de seu João e a sociabilidade na feira livre de Rio Tinto  
AURELIA MARIA VERISSIMO DE LIMA

Será apresentada neste artigo, uma pesquisa de campo que foi como última nota da disciplina de Antropologia, Lazer e Sociabilidade Urbana do curso bacharelado de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba Campos IV Litoral Norte. Como aluna do 6º período. Essa pesquisa de campo se dá através da sociabilidade de um feirante que possui uma banca de feira no mercado público de Rio Tinto PB. Para a realizar esta pesquisa meu interesse foi observar a sociabilidade e cotidiano deste feirante na feira livre de Rio Tinto e ver como acontece à interação com os fregueses e os outros feirantes. Eu falo da sua banca de feira e o que ele vende e a diversidade que tem na feira livre de Rio tinto. Produzi essa pesquisa de campo dentro do contexto de acordo com a disciplina sobre sociabilidades urbanas, procurando entender estas interações entre feirante e freguês como também os vendedores vizinhos que fazem parte desta significação que é os processos de interação na vida cotidiana. A feira da cidade de Rio Tinto é muito diversificada e pode ser compreendida como um lugar de um contínuo fluxo de pessoas de várias partes das cidades vizinhas formando esta rede de sociabilidades.

Bibliografia/Referências: NASCIMENTO, Walkiria do. Dia de Feira: Livre de Itapororoca PB./ Walkiria do Nascimento. -Rio Tinto: [s.n.], 2016. 76 f.: il.

Etnografias urbanas em espaços públicos: imagens filmicas da relação casa-rua



Wendell Marcel Alves da Costa

O objetivo deste trabalho é desenvolver reflexão interpretativa sobre as etnografias urbanas que se dedicam a investigar os espaços públicos, como ruas, becos, vielas, avenidas, praças, parques, entre outros, a partir das imagens filmicas da relação casa-rua produzidas pelo cinema recifense atual. Nossa proposta é evidenciar a relação dicotômica destes espaços de fronteira, a casa e a rua, para circunscrever a dimensão simbólica dos espaços públicos como localidades de fabricação de sentidos identitários dos sujeitos. O efeito de contraposição e significação da relação diferencial é o bojo deste ensaio, que realça o conceito de cidade contemporânea alicerçada no fluxo pragmático das interações sociais no âmbito urbano. Para isso, nos apoiamos nos estudos de Magnani (2012) e DaMatta (1997) sobre as categorias de etnografias de centro e casa-rua, para a produção dos sentidos urbanos da cidade brasileira contemporânea.

*Bibliografia/Referências* MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

MÃES E CRIANÇAS ENCARCERADAS: Etnografando o dia de domingo no Presídio Feminino Maria Júlia Maranhão (João Pessoa-PB)  
NUBIA GUEDES DE BARROS FERREIRA

O presente artigo foi extraído de uma pesquisa de campo realizada no período de 30 de janeiro a 20 de maio de 2018, no presídio feminino da cidade de João Pessoa-PB, o Complexo Maria Júlia Maranhão, pesquisa com crianças que frequentam o estabelecimento prisional nos dias de domingo, dia de visita da família. Na pesquisa etnográfica, primou-se a observação participante, o contato direto, o uso do diário de campo, a extração dos relatos dos nativos daquela unidade prisional e memorizações. Emergiram das práticas sociais observadas naquele



ergástulo, elementos simbólicos eivados de sentimentos, exsurgindo-se como signos, a saber: os lençóis que apresentaram um sentido de pertença, de territorialidade, um lar; a comida como materialização de afetividade, partilha de sentimentos e as roupas e adereços usados pelas crianças como forma de expressão de prestígio às suas mães, verdadeiras dádivas. Assim, aspectos que propiciaram a ressignificação espacial e temporal naquele estabelecimento prisional nos dias de domingo. Ressalto que em relação aos lençóis que forravam o chão da área de visita, fiz analogia a ilhas, pois remeteu-me a referida impressão, no sentido de atomização de cada núcleo familiar. Apresentarei relatos eivados de sentimentos, emoções a partir dos signos observados, também, dos sentimentos e impressões advindas da expressão dos corpos. Palavras-chave: Criança- presídio sentimentos-visita.

*Bibliografia/Referências* BIONDI, Karina. Junto e misturado. Uma etnografia do pcc. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 1996. COELHO, Maria Cláudia. Dádiva e Emoção: obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais. RBSE, pgs. 335-350 , vol. 2, nº 6, ISSN 1676-8965 DAMATTA, Roberto. O que faz do brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1997. DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Editora Perspectiva; 1975 GEERTZ, Clifford. a Interpretação das Culturas. 1 ed. 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008 GODOI, Rafael. FLUXOS EM CADEIA. As prisões Em São Paulo Na Virada Dos Tempos. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017. LÉVIS-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. São Paulo, CosacNaify, 2004. 442 p. (Mitológicas, 1). MAUSS, Marcel. As Técnica

Timbó I e Timbó II: discutindo a construção de lugar, espaço e pertença na comunidade do Timbó (João Pessoa-PB)  
WILLIANE JUVENCIO PONTES



Este trabalho analisa os primeiros apontamentos de pesquisa sobre a Comunidade do Timbó, localizada no bairro dos Bancários, zona sul da cidade de João Pessoa-PB. O Timbó é uma comunidade singular na cidade, localizado em um bairro de classe média, está situado em uma área de alto potencial e especulação imobiliária e possui uma singularidade referente à geografia do terreno que a divide em Timbó I (de cima) e Timbó II (de baixo). Divisão esta que ultrapassa o aspecto geográfico e parece influenciar nas relações sociais, no sentimento de pertença, no imaginário do medo e nas formas de sociabilidade. Busca-se, assim, discutir a divisão interna do Timbó e seus desdobramentos na vida cotidiana do morador da comunidade, abordando os dois processos produtivos que se desenvolve na comunidade e se diferencia pela constituição de cada lugar, espaço e fronteiras, por aspectos estruturais e pelo acesso aos equipamentos urbanos. Elementos que influenciam no cotidiano e na construção identitária local, (re)configurando o sentimento de pertença e as formas de sociabilidade dos moradores do Timbó. A comunidade do Timbó, portanto, é analisada a partir do seu aspecto relacional, comportando espaços e lugares sociais de interações individuais e grupais que tecem formas de sociabilidades, memórias e histórias.

*Palavras-chave:* Timbó I; Timbó II; Espaço e Lugar; Pertença;

#### *Bibliografia/Referências*

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª ed., 1998, p. 169-183; p. 199-216. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Confiança e confiabilidade: uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença. RBSE, João Pessoa, v. 1, n.2, p. 171-205, 2002. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Claudia Leitão. (Org.). Gestão Cultural- significados e dilemas na contemporaneidade. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-87, 2003.



KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade. Estudos em Antropologia das Emoções. Recife: Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2017. SIMMEL, George. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, V. 43, n. 1, p. 129-242, 2009.

Proeminência, significação e atribuições as mulheres da "Senzala"  
DILMA DA SILVA DANTAS

A proposta desse trabalho é apresentar uma pesquisa que está em andamento para o meu trabalho de conclusão de curso em Antropologia. Esta pesquisa está sendo realizada no Conjunto Habitacional Durval de Assis, conhecido como Senzala, na cidade de Rio Tinto. A pesquisa de campo tem mostrado que o cotidiano e a sociabilidade das mulheres que vivem na Senzala fazem parte de um diálogo que dá sentido às formas de interação específicas, movidas por elementos corriqueiros e significativos. Portanto, entender a proeminência dessas mulheres como também da Senzala nos faz perceber as atribuições e os significados do ser mulher e morar nesta comunidade. As especificidades que constituem as sociabilidades das mulheres desta comunidade vêm do processo de constituição do lugar que está enraizado num passado em permanência com o presente. Por isso, para compreender a Senzala é preciso nos remetermos ao passado, através de relatos orais das mulheres que compõe esta comunidade. Nesse processo de estar em campo, como antropóloga, venho buscando conquistar a atenção e a sensibilidade das minhas interlocutoras, com o objetivo de compreender o sentimento de pertença, os estigmas, os conflitos, os reconhecimentos, envoltos na Senzala, como também as narrativas que são criadas, moralmente, como parte desta rede de aproximações e distanciamentos.

*Bibliografia/Referências* SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. (Tradução de Mauro Pinheiro Koury). RBSE Revista BRASILEIRA DE Sociologia da Emoção, v. 10. N. 30, PP 568-573. ISSN 1676-8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>



MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1984). Festa do Pedaco: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense. PARK, Robert Ezra. A cidade Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano- In: Velho, o (org.). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1967. Tradução: Sergio Magalhães Santeiro VELHO, Gilberto. Projeto, observando o familiar. In, individualismo e cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.



# SC-02.

## **Patrimônio Cultural, memória e sensibilidades urbanas**

Coordenação: Dr. Antônio Manoel Elíbio Júnior (DCS/UFPB) e Me. Darllan da Rocha (DCS/UFPB)

Esse Grupo de Trabalho tem por objetivo reunir pesquisas que tematizam os processos de produção e monumentalização do patrimônio cultural e histórico. A ideia é trazer para o debate as relações existentes entre os processos de patrimonialização, a criação de “lugares de memória” e a espetacularização dos bens culturais (HUYSSSEN, 2000). Jacques Le Goff (2003) atribuiu algumas características aos monumentos: “são heranças do passado, e assim o evocam, ligando-se ao poder de perpetuação voluntária ou involuntária das sociedades históricas e apresentam uma intencionalidade”. Em outras palavras, o patrimônio histórico torna-se uma das principais matizes para a elaboração e invenção das tradições e das identidades locais e nacionais. Por outro lado, processos de patrimonialização surgem em contextos e estratégias distintas como formas de gestão patrimonial com protagonismo social, como também equipamento turístico. Dessa forma, espera-se que o debate acerca da intensificação recente da memória, da “conservação dos monumentos” e dos processos de patrimonialização e gestão social, proporcionem reflexões atinentes a: musealização das cidades, invenção das tradições, turistificação das culturas, a institucionalização do patrimônio cultural que procura fornecer um sentido de pertencimento a um determinado grupo social, a conservação, preservação e apresentação de artefatos culturais e tradições de conhecimento. Destarte, os processos de patrimonialização dos bens culturais tornaram-se um fenômeno frequente nas sociedades contemporâneas. As referências materiais e imateriais do passado são elaboradas em novos arranjos destinados a balizar as identidades locais e nacionais. Nesse sentido, o patrimônio cultural tem servido para a formação de imagens que dão suporte as memórias nacionais, a atividade rística e a invenção das tradições. Esse GT tem por objetivo reunir pesquisadores (as) que investiguem as dinâmicas sociais dos processos patrimoniais, compreendidos como: restauração, preservação, revitalização, produção e espetacularização do patrimônio cultural.

## WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA

A proposta deste trabalho é discutir as arquiteturas memoriais e as narrativas poéticas nos espaços "esquecidos", "lembrados" e "rememorados" em *Aquarius* (Kleber Mendonça Filho, 2016). Buscamos desenvolver, a partir da obra fílmica, a relação entre a filosofia do espaço de Bachelard (2008) e a perspectiva de cidade imaginada em Eckert e Rocha (2015), para falar sobre as diferentes formas de circunscrever a cidade média recifense que tem passado por mudanças estruturais em sua rede urbana. Para isso, desenvolvemos um olhar acerca do patrimônio cultural material do Recife, como prédios residenciais, cinemas, parques e praças, que guardam afetos, memórias e sensibilidades das vivências cotidianas dos moradores. O elemento do patrimônio cultural material das arquiteturas urbanas do Recife, no filme *Aquarius*, é ressignificado a partir da narrativa fílmica sobre os espaços "esquecidos" memoriais que retornam com efeito de presença na vida das personagens; espaços "lembrados", quando situações sociais no âmbito do urbano potencializam a memória afetiva sobre locais específicos no bairro; e espaços "rememorados", quando, em situações sociais, ressurgem com substância de ação afetiva no imaginário simbólico dos indivíduos. Finalizamos nossa proposta em dimensionar o simbólico contido na produção da cidade imaginada do Recife que atualiza o acervo memorial do coletivo por olhares fílmicos poéticos contemporâneos do espaço urbano.

*Bibliografia/Referências:* BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008. ROCHA, Ana Luisa Carvalho. ECKERT, Cornelia. A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos de memória coletiva em coleções tnoográficas. Brasília: ABA, 2015.

Patrimonialização E Protagonismo Social: A Criação De Lugares De Memória E Bens Culturais Por Via Da Educação Patrimonial, Fotografias E Narrativas Orais





## GIVANILTON DE ARAUJO BARBOSA

O presente estudo se dá em reassentamento de famílias atingidas por barragem. Assim, objetiva evidenciar o patrimônio cultural material e imaterial da comunidade quando era localizada no lugar ribeirinho (SABALLA, 2007), identificar padrões culturais, reconhecer suas manifestações da vida social (econômica/política) e valorização da memória local (HALBWACHS, 1950). A metodologia adotada se dá por via da pesquisa bibliográfica e de campo, participativa/dialógica, coleta de narrativas orais e registros fotográficos (KOSSOY, 2007). Nesta perspectiva, há cerca de 18 anos iniciou-se o processo de remoção da comunidade do lugar ribeirinho para reassentamento em terras áridas e sem contar com equipamentos públicos, moradias adequadas e nem se quer água potável com frequência. Haja vista, a construção da barragem foi destina para o abastecimento de água dos centros urbanos. Portanto, com a desterritorialização das famílias, pode ter ocorrido perdas irreparáveis com os seus bens culturais, devido a não reconstrução adequada dos espaços de sociabilidade (SANTOS, 2015). Por fim, a pesquisa vêm se revelando enriquecedora, pelo fato de permitir a participação dos sujeitos no processo de reaver sua memória de seu lugar que não mais existe fisicamente, como também, pelas possibilidades de descobertas teóricas e evidenciar a configuração territorial por via das fotografias e narrativas orais de uma comunidade ribeirinha que não mais existe no seu lugar de origem. Palavras-chave: Patrimônio cultural. Fotografia. Memória. Narrativas orais

*Bibliografia/Referências:* HALBWACHS, M. La Mémoire Collective. Paris, Presses Universitaires de France, 1950. HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. cap.7, p. 169-190. HARVEY, David. A condição da pós-modernidade. Oxford: Brasil, Blackwell, 1989. KOSSOY, B. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. SCHMIDT, M.



L. S. ; MAHFOUD, M. Memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), p. 285-298, 1993. SILVA, I. C. A fotografia como documento e sua importância na memória humana. JOÃO PESOA-PB: UFPB, 2015. SANTOS, M. C. O conceito de atingido por barragens – direitos humanos e cidadania. *Revista Direito e práxis*. Rio de Janeiro, Vol. 06, N. 11, 2015, p. 113-140 SABALLA, V. A. Educação patrimonial Lugares de memória. *Revista Mouseion* Volume 1,



# SC-03.

## **Terras Indígenas, áreas protegidas e conflitos socioambientais**

Coordenação: Ma. Lara Erendira Almeida de Andrade (DCS/UFPB), Dr. Thiago Mota Cardoso (PPGA/UFBA), Mz. Marcelino Soyinka Santos Dantas (Funai)

A ideia de áreas protegidas para a conservação, apesar dos avanços nas últimas décadas para incluir a sociodiversidade, ainda possui forte influência do chamado “mito da natureza intocada”, reflexo da pretensa dicotomia natureza/cultura, à qual também está associada a imagem dos indígenas. Esta noção reflete-se nas ações do Estado, que enfatiza políticas de proteção naquelas áreas mais próximas de seu pretensão estágio ‘pristino’. Assim, não por acaso, a maioria das áreas protegidas atuais situam-se no bioma amazônico, ícone desta “natureza intocada” e dos índios “puros”. Um exemplo é efetivação dos direitos territoriais indígenas: 93% das Terras Indígenas (TIs) regularizadas situam-se na Amazônia, apesar de 61% dos indígenas vivem fora da região Norte. O Nordeste é exemplar neste sentido: a região convive com a escassez de iniciativas Estatais e não estatais de apoio à conservação ou aos direitos das populações indígenas que aí habitam. Neste grupo procuraremos dialogar com trabalhos que abordem as práticas dos povos indígenas de convivência com seus ambientes, bem como aqueles que versem sobre conflitos socioambientais na região que são resultados de sobreposições com Unidades de Conservação da natureza e com projetos de empreendimento que impactam a vida destes grupos.

## JAMERSON BEZERA LUCENA

Este trabalho pretende relatar acessos e impasses na Justiça, além de conflitos territoriais existentes num território étnico desassistido pelos órgãos indigenistas (FUNAI e SESAI) por causa de questões judiciais e burocráticas que impedem reconhecer a Aldeia Taepe situada no município de Rio Tinto no litoral norte da Paraíba como sendo parte integrante das Terras Indígenas Potiguara. Diante disso, muitos indígenas pertencentes a esse lugar recebem a alcunha de desaldeados por fixarem suas moradias e modos de vida num território ainda não demarcado. Por conta disso muitos relatam que já sofreram perseguições, ameaças de morte e derrubadas de casa com a utilização de tratores e capangas com o objetivo de fazer com que eles fossem embora. Além disso, latifundiários já bloquearam o fluxo de água potável do rio no intuito de impedir que a água chegue até à Aldeia. Esse imbróglio ocorre desde o início dos anos 80 quando a essa Aldeia ficou fora da demarcação da primeira Terra Indígena Potiguara. No entanto, com o apoio da parentela fixada em aldeias vicinais, além da presença de lideranças e caciques de outras Aldeias eles foram se fortalecendo, mantendo uma organização social política e estreitando laços com outros atores sociais, tais como Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas e Ministério Público Federal (MPF). O objetivo nesse estudo é compreender essas estratégias de ação e a formação de redes sociais engendradas por esses Potiguara de Taepe, além de sua aproximação com o espaço urbano (Mataraca-PB), onde muitos parentes vivem.

*Bibliografia/Referências:* AZEVEDO, Ana Lúcia Lobato de. 'A terra como nossa': uma análise de processos políticos na construção da terra potiguara. Rio de Janeiro. Mestrado em Antropologia Social Museu Nacional, UFRJ, 1986. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 05 out. 1988. PACHECO DE OLIVEIRA, J. (org.) Indigenismo e territorialização: poderes rotinas e saberes coloniais no



Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro. Contra Capa, 1998. PERES, Sidnei C. Terras indígenas e ação indigenista no Nordeste (1910-67). In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004. PALITOT, Estêvão Martins. Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: História, Etnicidade e Cultura. 2005. Introdução, p. 4. Dissertação (Mestrado em Sociologia) CCHLA - UFCG, 2005.



# SC-04.

## **Populações tradicionais, Memória e mobilização social**

Coordenação: Dr<sup>o</sup>. Kelly Emanuelly de Oliveira (DCS/UFPB), Dr.  
Estêvão Martins Palitot (DCS/UFPB) e Dr<sup>o</sup>. Ruth Henrique  
(DCS/UFPB)

O GT se propõe a discutir trabalhos relacionados a comunidades étnicas e tradicionais, que tenham como linha teórica a relação entre Antropologia, memória e mobilização social. Tencionamos estimular o diálogo sobre as propostas do GT, a fim de perceber as contribuições que os estudos com estas comunidades podem oferecer não só ao próprio fazer antropológico como também aos grupos pesquisados, em uma proposta de percepção da Antropologia como um espaço de trocas e interesse social.

A força cosmológica do lugar: terra tradicionalmente ocupada pelos Tuxá em Dzorobabé-BA

Leandro Marques Durazzo

Desde 2017, o povo Tuxá de Rodelas-BA empreende a reocupação e reabilitação de um território que denominam ancestral, num processo de autodemarcação autogerida com vistas a pressionar o Estado brasileiro a proceder a sua demarcação oficial, segundo os trâmites constitucionais. Tal território (denominado Surubabel ou, de acordo com os Tuxá, Dzorobabé) é região ribeirinha constituída por dunas e caatinga, à margem baiana do rio São Francisco. Com a autodemarcação e o retorno efetivo a um território "dos antigos brabios", em uma base cotidiana, os Tuxá se deparam com uma necessidade prática de sobrevivência simbólica: como estabelecer a reabilitação em um território cosmológicamente forte, isto é, carregado de presenças e agências não-humanas, sem incorrer nos riscos que tais estratos cosmológicos carregam? Para dar conta disso, os grupos político-rituais envolvidos na autodemarcação assumem condutas em certa medida diferentes, muito embora embasadas na mesma ciência ritual que os Tuxá compartilham. Aqui, exploraremos dois aspectos de tais práticas rituais, a saber, um evitamento inicial, por alguns grupos, e a abertura e certa temeridade, por outros. Apontaremos como tanto o evitamento quanto a abertura à força do lugar representam um mesmo plano de fundo, qual seja, o reconhecimento de que o território é, por si, agente e mobilizador de dinâmicas sociocosmológicas. No limite, demonstraremos como tanto o evitamento quanto a abertura evidenciam uma ocupação territorial tradicional nos moldes do artigo 231 da Constituição Federal, já que explicitam o caráter simbólico e de reprodução cultural que o território de Dzorobabé congrega em si.

O Grafismo Potiguara

JOAO VITOR VELAME



Este ensaio fotográfico tematiza as pinturas corporais do povo Potiguara, habitantes de akajutibiró "terra do caju azedo". Os índios Potiguara habitam entre os municípios da Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, no litoral norte da Paraíba. As fotografias a serem apresentadas foram realizadas durante o toré do Dia do Índio (19 de abril de 2018), exibição pública na aldeia São Francisco, localizada na Baía da Traição, Litoral Norte da Paraíba. No dia 19 de abril - Dia do Índio, os Potiguara costumam se reunir e dançar o toré numa exibição pública e oficial para a Fundação Nacional do Índio - Funai. (PALITOT, Estevão, p. 205) O ensaio tem como inspiração principal o livro "Grafismo Indígena - Estudos de Antropologia Estética" organizado pela antropóloga Lux Boelitz Vidal e seu capítulo "A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté". A organização da prancha seu um modelo de apresentação sequencial inspirado nas pranchas de Margaret Meads apresentado no livro *Balinese Character: A Photographic Analysis*. Nesse modelo sequencial, nosso olhar desliza, de maneira quase cinematográfica, no tempo e no espaço (ALEVES, André, p. 56). Este ensaio tem como objetivo compreender as relações do corpo com as artes através do grafismo Potiguara. As pinturas vão muito além do que apenas formas geométricas, carregam em si uma variedade de significados. Tento olhar as etnografias das pinturas no corpo, e a pele, como sede de signos sociais. Busco repensar as artes como uma maneira e forma de conhecimento de coisas que não conseguem ser articuladas pelas formas escritas e verbais. A série aqui apresentada, mostra algumas das pinturas através da fotografia, num estilo próprio, que experimentei na medida em que ia ouvindo e transcrevendo os diferentes significados das pinturas indígenas locais. O trabalho teve como base a Oficina de Fotografia ministrada por Glauco Fernandes Machado e pela disciplina de Introdução a Etnodocumentação ministrada pelo professor Darllan Neves da Rocha, ambas no primeiro semestre de 2018 na Universidade Federal da Paraíba, campus IV. As legendas que acompanham cada fotografia oferecem um breve comentário que permite identificar verbalmente um ou mais atributos relativos a cada pintura representada nas imagens, as





frases entre parênteses identifica uma ou mais falas dos indivíduos entrevistados. Assim, o ensaio, realizado na Aldeia São Francisco, busca apresentar os diferentes usos e significados do grafismo Potiguara, retratados no ano de 2018. Títulos: fotografia 1 - "A tinta"; fotografia 2 - "Pintando"; fotografia 3 - "Vista parcial do ritual do Toré"; fotografia 4 - "O Urucum e o Jenipapo"; fotografia 5 - "A folha da Jurema"; fotografia 6 - "O traçado e a Colmeia".

Bibliografia/Referências: ALVES, André. Os argonautas do manguê. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004. 56 p. BATESON, Gregory e MEAD, Margaret, Balinese Character: A Photographic Analysis, New York Academy of Sciences Special Publication, {1942}. VIDAL, Lux. Grafismo indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo: FABESP, 1992. MOONEN, Frans & MAIA, Luciano Mariz. 1992. Etnohistória dos índios Potiguara: Ensaios, Relatórios e Documentos. João Pessoa: PR/PB-SEC/PB. PALITOT, E. M. ; SOUZA JÚNIOR, F. B. . Todos os Pássaros do Céu: o toré Potiguara. In: Rodrigo de Azeredo Grünwald. (Org.). Toré: Regime Encantado dos Índios do Nordeste. 1ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Editora Massangana, 2005, v. , p. 157-186.

## INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA: RELATÓRIO PDSE 2017, BRASIL/PORTUGAL

MARIZA DE OLIVEIRA PINHEIRO

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA

NILZA BARBOSA ROSA

MARIA DA GRAÇA DE MELO SIMÕES

Resumo O contexto da colonização portuguesa no Brasil, no que se refere ao achamento oficial, no século XVI, marcou as conquistas do Estado Moderno Português, com a instalação de novas rotas de navegação. Houve significativas mudanças, através do desenvolvimento do capitalismo comercial, em uma escala transcontinental. No âmbito da dimensão cultural vários aspectos influenciaram o modo de vida, a tradição e a identidade dos indígenas brasileiros. Abordaremos no artigo, a primeira fase do relatório PDSE 2017, desenvolvida na



Universidade de Coimbra. Deste modo, acometida pela inquietação, em desvendar as influências da nossa matriz, como povo brasileiro, buscar-se-á analisar em que medida o processo de colonização portuguesa influenciou e afetou a identidade cultural indígena brasileira? Parte-se da premissa que o processo de colonização portuguesa veio influenciar e afetar a identidade cultural do indígena brasileiro. Nesta mentalidade, compreende-se que a noção de identidade cultural indígena se presentifica na produção de informações, através das práticas tradicionais interculturais, vivenciadas de geração a geração e, que sofrem a transmutação em variados espaços e tempos. A evocação e ressignificação das práticas interculturais auxiliam nas construções identitárias que se cristalizaram na memória individual e coletiva do povo indígena do Brasil. A metodologia classifica-se como pesquisa qualitativa de base exploratório-bibliográfica. A análise é hermenêutico ricoeuriana como atividade técnico-filosófica relacionada à teoria e à prática de compreensão e interpretação do significado de textos. Sobretudo, refere-se a relação interativa entre leitor e textos. O aporte teórico é enredado na epistemologia da Ciência da Informação, tendo o seu design intelectual produzido por insights de ethospoiese informacional, o qual está inserido no paradigma da pós-modernidade. Como tessitura textual utiliza-se da revisão de literatura das áreas de humanas e ciências sociais, com recorte nas sub áreas da Literatura, História e Antropologia. Como questão guia, buscar-se-á identificar as representações em narrativas dos diários de viagens do século XVI, considerando-as como elementos informacionais que fundamentam a matriz da memória e tradição da cultura dos indígenas brasileiros. Conclui-se que na relação com o colonizador, estudo antropológico (HOWARD, 2002) aponta situações de assimilação através da agregação de novos bens e a transmutação cultural dos povos indígenas. Contudo, também é perceptível na tradição e memória destes povos, a resistência, a tenacidade e a criatividade na afirmação da identidade cultural étnica de cada região, como estratégia de sobrevivência. Palavras-chave: Memória; Identidade; Cultura; Indígenas; Brasil.



Bibliografia/Referências ANCHIETA, Pe José de. CARTAS: correspondência ativa e passiva. Obras completas - 6<sup>o</sup> v. 2<sup>a</sup> ed. Pesquisa introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti. Edições Loyola. (Convênio com a vice-postulação do Beato José de Anchieta). São Paulo, 1984. AZEVEDO, Adélia A. Da colonização do Brasil e da acção de José de Anchieta. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1942. (Dissertação) CARDIM, Fernão. Tratado da terra e gente do Brasil. Transcrição do texto, Lisboa, 2000. CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário Protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência presbiteriana e batista. Revista de Estudos da Religião. Nº 4/2001 p. 61-93. GANDAVO, P. de M. de. A primeira história do Brasil: história da província Santa Cruz. Ed. Assírio & Alvim, (ed. 1576)

Assembleias Indígenas como espaços de mobilização política – o caso dos Xukuru do Ororubá

KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA

O trabalho se propõe a apresentar uma análise sobre as Assembleias Indígenas do Povo Xukuru do Ororubá (PE), a partir de observações dos significados deste evento, que já vem sendo realizado a 18 anos. As Assembleias indígenas foram foco de diversos estudos sobre mobilização política durante a década de 1980, por representarem um evento de confluência e de fermentação não só na junção de demandas de diversas etnias, como também na criação da figura da liderança indígena como mediador entre os povos e as organizações civis e governamentais envolvidas em políticas étnicas. Nesta apresentação, tencionamos refletir como essa ideia inicial de mobilização vem se reconfigurando, incorporando estratégias diversas de ação e sentidos ampliados na sua prática. Para isso refletiremos sobre o caso específico do povo Xukuru do Ororubá, que todos os anos realiza o evento entre os dias 17 e 20 de maio. Este povo, que tem atualmente cerca de 12 mil indivíduos, está localizado em um território de 27.555ha, localizado nos municípios de Pesqueira e Poção, no agreste de Pernambuco.



# SC. 05

## “Diferenças e subjetividades corporificadas”

Coordenadores: Dr. Marcos Carvalho (PPGA/UFPB) e Dr.<sup>a</sup>.  
Patrícia dos Santos Pinheiro (PPGA/UFPB)

O grupo de trabalho tem o objetivo de debater as interseccionalidades entre gênero, raça, classe e sexualidade. A partir desses marcadores sociais, a proposta é articular olhares sobre diferenças e hierarquizações e os modos pelos quais elas produzem e delimitam corpos e subjetividades. Receberemos trabalhos nas áreas de diferenças, identidades e subjetividades, como foco na perspectiva dos estudos pós-coloniais, decoloniais, feministas e queer.

Diferenças e subjetividades corporificadas Nuanças De Intermittências  
(De Movimentos Negros De Outrora) Mulheres Negras Um Convite À  
Reflexão

ANA MARGARIDA ANDRADE DOS SANTOS

Este resumo tem o propósito de apontar insumos sobre intermitências vividas de uma discente negra. Onde a articulação, a mobilização, a organização e visibilidade pedem passagem, na UFPB. Foram utilizados registros históricos das iniciativas de mobilização, articulação da população negra a partir de autores estudados em sala de aula, a saber Florestan Fernandes, e Roger Bastide. Convergindo com outros corpos de pesquisas, entre eles o de Lélia Gonzáles. Com o objetivo de identificar rupturas, retrocessos, ou ainda surgimentos a tais organizações, mobilizações. Também constatar resultados. Guardando as devidas proporções para novas pesquisas vindouras e necessárias. Metodologicamente adotamos uma análise teórica das obras dxs autorxs citados (Florestan Fernandes A Integração do Negro na Sociedade de Classes/Volume 2 (1920); de Lélia Gonzalez Lugar de Negro (1920), e de Roger Bastide Estudos Afro-Brasileiros (1973), também a luz da interseccionalidade de atividades e/ou eventos realizados na universidade.

*Bibliografia/Referências:* Florestan Fernandes A Integração do Negro na Sociedade de Classes/Volume 2 (1920); Lélia Gonzalez Lugar de Negro (1920); Roger Bastide Estudos Afro-Brasileiros (1973); 30ª RBA - 2016; Seminário A Presença da Mulher Negra no Vale do Mamanguape desafios e perspectivas. 2016.

Trajetória e transformações (Arlindo uma vida Negra que resiste)

EDNILZA CABRAL DO NASCIMENTO

D JULIANE MANOELLY BENIGNO DO NASCIMENTO

GABRIELA SALATINE DE MELLO

A pesquisa apresentada trata-se da trajetória de transformação de



Arlindo Neto, aluno Negro do Campus IV UFPB/RIO TINTO, o interesse em ouvir e escrever sobre sua vivência na academia surge da necessidade de falarmos inicialmente sobre vidas Negras na universidade, haja vista que esse espaço reflete diretamente as diferenças marcadoras da nossa sociedade racialmente injusta, preconceitos e discriminações são ações que causaram ao negro a invisibilidade e negação de sua cultura desde a época colonial. Por mais que a sociedade tenha passado por várias transformações e desenvolvimento, o ser humano tem um comportamento anacrônico, nos dias atuais ainda trata com inferioridade devido a sua distinção racial. No Brasil a população entre negras e pardas declaradas somam 54% (IBGE2014) mas só 17% ocupa lugares de poder, nas universidades esse índice não é tão diferente, apenas por contrastes compreendemos a nossa realidade e as condições espaciais ocupadas por pessoas Negras, apresentar a importância da corporificação desse personagem nos estimula antropológicamente a entender e discutir como são constituídas as desigualdades e hierarquias em nosso meio, é relevante também levar em consideração todo seu processo de autorreconhecimento colocado em relato, esse trabalho pretende contribuir diretamente com a construção de uma Antropologia plural que visa dar ao pesquisado o seu lugar de fala e de reconhecimento.

Bibliografia/Referências: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra (Nilma Lino Gomes)

As mulheres e a construção de uma cidade lixo zero

RIANNA DE CARVALHO FEITOSA

Pretendemos investigar relações desenvolvidas na construção de uma cidade lixo zero,

proposta que surge a partir do movimento lixo zero, filosofia que pretende não destinar resíduos sólidos para aterros sanitários ou incineradoras, incentivando a compostagem, reciclagem ou a não geração de resíduos. O movimento surge nos 2000 e, desde então, tem



se popularizado, sendo adotado por indivíduos, famílias, empresas e cidades. São Francisco/CA, EUA, lançou em 2002 uma série de políticas públicas focadas na gestão de resíduos sólidos urbanos (RSU), tendo como meta zerar, até 2020, a porcentagem de dejetos a serem destinados para aterros sanitários o que significa reciclar e compostar 100% dos resíduos gerados por sua população. Em 04 de Junho de 2018, foi publicado no Diário Oficial do Município de Florianópolis o decreto nº 18.646 que institui o Programa Florianópolis Capital Lixo Zero, o que faz de Florianópolis/SC a primeira cidade do Brasil a também aspirar tal denominação. O programa visa, através de ações que envolvem iniciativa privada, poder público e sociedade civil, incentivar a não produção ou redução da geração de RSU, promovendo a valorização desses resíduos e sua reintrodução na cadeia produtiva. Nos propomos a pensar, portanto, como ações individuais suscitam movimentos sociais. Pensaremos na adoção desse estilo de vida como uma forma de habitar o mundo e consideraremos a sintomática proeminência de mulheres como porta-vozes do movimento. A forte presença feminina nesse campo suscitará considerações acerca do papel da mulher na organização da vida doméstica e no cuidado de si e de sua família.

Relações de gênero e divisão sexual do trabalho na feira livre de Rio Tinto – PB

AMANDA GIORIATTI LUNKES

Esta pesquisa foi elaborada para a disciplina de Seminários de Pesquisa em Antropologia, ministrada por Lara Erendira de Andrade no segundo semestre do curso de Bacharelado em Antropologia. A temática abordada se direciona às relações de gênero e à divisão sexual do trabalho na feira livre de Rio Tinto, focando em como esses elementos se configuram no cotidiano de trabalho das mulheres feirantes. A metodologia empregada foi a pesquisa de campo aliada à observação participante, que pode ser realizada com a colaboração de três interlocutoras que trabalham como feirantes na cidade. No feira



livre mulheres são maioria entre feirantes cadastrados, porém homens e mulheres estão distribuídos de forma desigual entre os setores. A ocupação de funções ditas femininas ou masculinas está associada, na visão dos trabalhadores e trabalhadoras, à força física necessária para desempenhá-las, o que faz sentido apenas em certos aspectos, mas pode-se observar uma relação entre as funções desempenhadas pelas mulheres e o trabalho doméstico, reproduzindo-se no espaço da feira a dinâmica da casa. As interlocutoras argumentam que buscaram a feira por almejar independência econômica e para complementar a renda familiar, mas essa autonomia não significa que o trabalho de casa deixou de ser obrigação exclusiva delas. Corroborando com o que Hirata, Kergoat e Sartori sustentam, percebe-se que a entrada feminina no mercado de trabalho tem aumentado a exigência sobre as mulheres, pressionando-as entre múltiplas jornadas de trabalho, o que nos reafirma a necessidade de se desconstruir o padrão duplo que é imposto aos gêneros.

### Representações gráficas de prostitutas em zonas rurais do Brasil: Uma análise da Graphic Novel Primas ALBERTO RICARDO PESSOA

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência de criação e produção de uma Graphic Novel a partir da pesquisa sócio antropológica das professoras Loreley Garcia e Silvana de Souza Nascimento, realizadas com jovens mulheres no interior da Paraíba (região do Litoral Norte e Brejo Paraibano), proveniente de famílias rurais. As trajetórias de vida dessas mulheres, registradas por meio de entrevistas, fotos e depoimentos, são marcadas por diversos tipos de violência, falta de oportunidades de trabalho, estudo, envolvimento com drogas e uma situação de vida que se pensa como uma passagem, mas que em muitos casos se perpetua por ser uma das poucas formas de autonomia que uma mulher pode ter nessa área periférica. Esse cotidiano foi condensado e apresentada em um personagem construído no imaginário do artista. Essa personagem, anônima, ao entrar no





mundo da prostituição se rebatiza e se autodenomina Rosa. As histórias em quadrinhos são, em um primeiro momento um meio de entretenimento e pode apresentar como uma estratégia de informação e reflexão a uma pesquisa de relevância social uma nova construção no imaginário da sociedade midiática que em seu cotidiano prefere, em muitos casos, ignorar e se manter alienada acerca de temas ligados a gênero e sexualidade. A partir do escopo teórico de Loreley Garcia, Will Eisner e Donis A. Dondis, a premissa do artigo é apresentar o processo de coleta e mineração de dados, a criação de roteiro ficcional a partir de fatos reais, a linguagem visual utilizada para representar a prostituição em zonas rurais do Brasil, a anatomia da mensagem visual da Graphic Novel, e a recepção da Graphic Novel, publicada em 2017 no Brasil, Portugal e Estados Unidos.

*Palavras – Chaves:* Prostituição feminina. Juventude, Meio rural. Paraíba. Família.

*Bibliografia/Referências:* CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007 DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997 ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1998 EISNER, Will. Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 2010 \_\_\_\_\_. Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo. Companhia das Letras, 2010 JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas Artes Plásticas In: JUNG, Carl. G. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016 PANOFSKY, Erwin. Estudos de Iconologia: Temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.



# SC-06.

## **Festas e culturas populares: imagem, corpo, ritual e performance.**

Coordenação: Dr. Oswaldo Giovannini Jr (DCS/UFPB)

Corpos e paisagens constituem o locus de realização concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como também as condicionam. Seu registro imagético está presente nos estudos e expressões da cultura brasileira e é usado como recurso metodológico para a elaboração do conhecimento etnográfico. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimensões e conexões com fenômenos contemporâneos da vida social, valorizando trabalhos etnográficos sobre processos de construção do corpo, das imagens e do espaço em diálogo com a antropologia simbólica e dos rituais.

## Mapeamento religioso na cidade de Rio Tinto-PB JONAS DA COSTA BEZERRA

Das várias temáticas vistas no curso de Antropologia, a questão religiosa foi a que mexeu comigo. Pois vindo de uma família tradicionalmente católica, sempre tive curiosidade pela complexidade de outros tipos de doutrinas, como por exemplo a de matriz africana. Na disciplina Estudos Afro Brasileiros, lecionada pelo professor Oswaldo Giovannini, desenvolvi junto com a turma de alunos uma pesquisa onde participamos de uma festa no terreiro de umbanda da cidade: Centro Religioso São Jorge Guerreiro, onde o observamos e identificamos momentos, objetos e expressões simbólicas dentro do ritual. Foi incrível! Mas, ao mesmo passo em que pesquisava junto ao Centro Religioso mencionado acima, tive minhas primeiras experiências dentro da mesma perspectiva religiosa com um tio que é pai de santo a alguns anos. Por ter ele como família, pensei em começar me introduzir um pouco mais dentro dos rituais que começou praticar na casa de minha avó, onde ele ficou hospedado, deixando um pouco mais o lado antropológico do que o de sobrinho falar mais alto. Depois de apresentar ao professor que virou orientador, as dificuldades que vinha enfrentando para conseguir informações, e até mesmo uma entrevista onde me renderia mais detalhes sobre o que propunha pesquisar, que até então não estava delimitado, é me apresentado uma nova proposta dentro do campo religioso mesmo. Tendo em vista a cidade de Rio Tinto, ser tradicionalmente católica, outras doutrinas chegaram e permaneceram tanto em ruas do centro, quanto em localidades um pouco mais afastadas, mesclando a religiosidade local com evangélicos, espíritas, umbandistas, juremeiros e outras que pretendo identificar com este trabalho.

*Bibliografia/Referências* SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. Horizonte, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2º sem. 1997. SILVA, Vagner Gonçalves da. O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas sobre Religiões Afro-



brasileiras/Vagner Gonçalves da Silva - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

## Um tronco, diferentes folhas: a Jurema no Litoral Norte da Paraíba GERALDO DE FRANCA ALVES JUNIOR

Reflito nessa apresentação sobre as diversas formas de manifestação da Jurema no Litoral Norte da Paraíba. Nas cidades de Rio Tinto, Baía da Traição, Mamanguape e Pedro Régis, encontramos formas de vivenciar e manifestar a Jurema, que vão, por exemplo, desde os rituais de Jurema que se dão nos terreiros de Umbanda, aos rituais indígenas Potiguara. Em um contexto de efervescência de rituais, que tem a Jurema como ponto em comum, noto que existe um grande intercâmbio, tanto participativo como simbólico dos membros destes diferentes grupos entre si. Este elo é intercambiado pela crença na representação da árvore sagrada da Jurema, de suas entidades e o consumo ritual do vinho da Jurema. Sigo as trilhas de meus interlocutores, umbandistas e juremeiros do Centro Religioso São Jorge Guerreiro, localizado na cidade de Rio Tinto, Paraíba. Estes são responsáveis por realizar um movimento de visitas a toques, festas e torés. É seguindo os seus caminhos que conseguimos perceber um importante panorama com relação às manifestações juremeiras, possibilitando perceber a variabilidade de interpretações, de vivências e rituais ligados a Jurema. Essas relações nos mostram as redes que se criam e a circularidade desses religiosos na região em questão. Portanto, a Jurema, nesse contexto, mostra-se como uma religião de contornos fluidos e ao mesmo tempo aglutinadores, sendo responsável por impulsionar um complexo movimento de trocas simbólicas e rituais, que (re)elaboram continuamente a religiosidade dos grupos em questão.

*Bibliografia/Referências* ANDRADE, Mário. Música e feitiçaria no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1983. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho



de. Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2010. BASTIDE, Roger. Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1945. CANCLINI, Nestor Garcia. Cultura Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003. CASCUDO, Luiz da Câmara. Maleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca. Rio de Janeiro: 1978. GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. A jurema no "regime de índio": o caso Atikum. In. MOTA, Clarice Novaes; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino (Orgs.). As muitas faces da jurema. Recife: NUPEEA, 2006. MOTTA, Roberto. A jurema do Recife: religião indo-afro-brasileira em contexto urbano. In. LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (Orgs.) O uso ritual das plantas de poder. Mercado das Letras. Campinas, 2005

#### Música e performance no Sete de Setembro de Rio Tinto - PB CAIO NOBRE LISBOA

Dentre os rituais seculares do Estado-Nação brasileiro, o Sete de Setembro apresenta-se como um dos momentos de maior expressão daqueles valores e/ou sentimentos convencionalmente chamados por "nacionais" ou "patrióticos", ocasião que se reveste tanto de um caráter cerimonial e solene, como de feições populares e festivas. No contexto de desfiles cívico- militares, pretendo discorrer, neste trabalho, sobre as performances musicais e coreográficas de bandas marciais e fanfarras no Município de Rio Tinto, localizado na Microrregião do Litoral Norte da Paraíba, e mais especificamente daquelas corporificadas pelas/os integrantes da Fanfarrinha Antônia Luna Lisboa, pertencente a escola de mesmo nome da rede municipal de ensino. Com base em experiência etnográfica de quase cinco anos, através da antropologia fílmica de Claudine de France e da antropologia compartilhada de Jean Rouch, procurarei falar sobre as fanfarras em Rio Tinto e região, discutindo a respeito de supostas contradições e conflitos que se dão em suas práticas musicais e performáticas, compostas, de um lado, por um repertório diversificado



transeunte entre expressões musicais regionais nordestinas (como a "swingueira", o forró e o axé) e a música pop contemporânea (o funk, por exemplo) , frente a uma comunidade musical tradicionalmente mais contida, marcada por cadências, dobrados e a música erudita. Refiro-me, assim, a "repertórios músico-perfomáticos" que de algum modo convivem entre si, signos de uma "carnavalização supervisionada" deste ritual ainda bastante atrelado à ordem e à hierarquização: um mote para debater sobre identidade, juventude, gênero, geração, música e rituais na sociedade brasileira contemporânea.

*Bibliografia/Referências* DAMATTA, Roberto. Carnavais, paradas e procissões. In:\_. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Cap. 1, pp. 43-86. FRANCE, Claudine de. Cinema e antropologia. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. ROUCH, Jean. O filme etnográfico. In: Almir Labaki (Org.). A verdade de cada um. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 66-102. SCHECHNER, Richard. Ritual (do Introduction to Performace Studies). In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, pp. 49-89. STRAW, Will. Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação: entrevista. Brasília: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 15, n. 2, pp. 1-10, mai./ago. 2012. Entrevista concedida a Jeder Janotti Junior. TAUSSIG, Michael. Mimesis and alterity: a particular history of the senses. New York: Routledge, 1993.

Memórias dos cinemas no vale do Mamanguape-PB  
JOSE MUNIZ FALCAO NETO

Com base em métodos da antropologia visual (foto e vídeo elicitação, câmera compartilhada, etnografia virtual) reuni um acervo de fotografias antigas, entrevistas, comentários em rede e filmagens realizadas para um Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, o qual serviu de base para um projeto desenvolvido atualmente no Curso de Mestrado



em Antropologia na UFPB. A pesquisa se concentra acerca das memórias coletivas de dois grandes cinemas que foram ativos durante as décadas de 60, 70 e 80, o Cine Teatro Orion (1964) e o Cine Teatro Eldorado (1965), respectivamente, localizados no litoral norte da Paraíba nas cidades de Rio Tinto e Mamanguape. Estes cinemas do interior foram administrados pela família David (Walfredo David e Abel David), os quais passaram 40 anos trabalhando com exibições cinematográficas na região do Vale do Mamanguape-PB, porém, o Cine Orion foi construído pela Fábrica de Tecidos Rio Tinto em 1944, após 20 anos é que arrenda a família David. Vários foram os filmes exibidos nestes dois antigos cinemas, que formaram gigantescas filas e marcaram as memórias dos moradores, tendo em vista estas memórias passo agora a analisar os antigos filmes que foram exibidos nestes cinemas. Para esta comunicação o conceito de mimesis (Michael Taussig) e de expectorialidade (André Dib), entre outras referências (Canevacchi, Satiko), serão articulados para analisar o filme Teixeira "coração de luto" dirigido por Eduardo Llorento, e sua recepção no contexto passado, acessada através dos sujeitos locais e suas memórias elicitadas pelas imagens dos cinemas e filmes antigos. Teixeira coração de luto é um filme produzido em 1966 e lançado em 1967. O filme passa de acordo com a narrativa da música, contando a história da morte de sua mãe e sua migração do interior à cidade grande para continuar a vida, o qual se torna um grande compositor no Brasil. O objetivo do artigo é apresentar aspectos e dinâmicas representadas no filme que se entrelaçam e constituem parte do ethos de uma população que se localiza no interior da Paraíba. Como, portanto, o cinema contribuiu, em meados do século XX, para modernizar, encantar ou catequizar uma população composta em grande parte por trabalhadores rurais e indígenas, admitidos a um regime urbano de trabalho (marcado pela instalação de uma fábrica)? Em que medida, pois, pensar a recepção do cinema em cidades pequenas nos permite elaborar dimensões críticas das condições de vida em sociedades pós-coloniais?

Bibliografia/Referências: CANEVACCI, Massimo. ANTROPOLOGIA



DO CINEMA: do mito à indústria cultural. São Paulo: Editora brasiliense, 1990. COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. HIKUJ, Rose Satiko Gitirana. Imagem- violência: etnografia de um cinema provocador. São Paulo: terceiro Nome, 2012. 200p. ; 21 cm. LANDER, Edgar. Europa, modernidade e eurocentrismo. In LANDER, Edgar. (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & pós-cinemas. Campinas-SP: Papyrus, 1997. MORIN, Edgar. O Cinema ou

Resgate da tradição e cultura

GILVANIA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

A pesquisa proposta por esse projeto é resgatar as coisas que ficaram adormecidas com o passar dos tempos na zona rurais e assentamentos, pois com esse mundo tão digital muitas coisas que nossos avós faziam e até mesmo que nós vimos quando criança ficou para trás. Com esse mundo tão digital ficou difícil ver pessoas sentadas nas calçadas para conversa, contar historia , interagi entre sim, essas cenas via-se muito ou viam-se nos interior nas comunidades rurais, onde a noites as pessoas se reuniam no terreiro de algum vizinho para prosear. Esse mundo globalizado tem juntado pessoas que estão distantes, porem afasta os jovens das culturas populares, tradições e costumes. O protejo a qual eu prendendo fazer a minha pesquisa, faz justamente isso, trás o resgate dessas coisas antigas com propósito de mostrar aos jovens quão ricos são as culturas do nosso nordeste. A finalidade desse trabalho e fazer (re) viver na memória dos mais antigos e mostrar para os mais jovens como era o modo de se diverti nos sítios e assentamentos nos anos passados através das cantigas de roda, os contos das historias, as leituras de cordel, as danças etc. Como tudo isso é muito rico em cultura e aprendizado, que mesmo com um mundo tão digital podemos sim (re) viver aquele tempo em que sentar nas calçadas e





conversa com os vizinhos era muito prazeroso. Neste trabalho o objetivo é mostrar como podemos resgata essa cultura um pouco esquecida, porem viva, e trazer esses conhecimentos para nossa atualidade não somente para os jovens, mas também para os mais velhos relembrar os tempos de sua jovialidade. E mostrar quão rico é nossa cultura e nosso nordeste.

Vaquejada: Trabalho, pratica esportiva ou mal tratos aos animais?  
JAQUELINE DA SILVA BIZERRIL

A pesquisa proposta por esse projeto é sobre as Vaquejadas, e tendo como foco a Vaquejada de 07 de setembro realizada em Rio Tinto- PB no Parque Dep. Balduino Minervino de Carvalho em homenagem ao dia da independência, o evento tem como início uma cavalgada, onde os vaqueiros fazem um percurso de 4km em desfile, saindo da Vila Regina com destino ao parque, onde ocorrerá uma missa para os vaqueiros, dessa forma os mesmo são abençoados pelo pároco da cidade. Logo após se dá início as festividades, como a vaquejada e em seguida os shows, que são organizados pelas equipes que produzem todo o evento.

TINTA E SANGUE: UMA ETNOGRAFIA DO CORPO E DAS RELAÇÕES NA TATUAGEM  
FABIANO CARLOS DA SILVA

O objetivo deste projeto é analisar a tatuagem como uma importante ferramenta de construção de identidades, transformando os corpos de forma que o sujeito marcando em sua pele com símbolos e signos que fazem parte de um conjunto milenar de diversas culturas e tradições sirvam tanto para se auto afirmarem e expressar sua individualidade quanto para se identificar coletivamente como membro de um grupo. No contexto da tatuagem o corpo é compreendido como objeto a ser trabalhado, seja de forma artística, com correções estéticas como, por exemplo, no caso de cicatrizes e marcas indesejadas que o



indivíduo prefere não ver ou expor, ou mesmo de forma ritualística, marcando uma fase transitória ou de transformação. A tatuagem serve como marcador de grupos sociais urbanos, a diversidade de temas se manifesta na mesma proporção das diferentes tribos, movimentos e grupos, como os surfistas, rockeiros, religiosos etc., esta individualização gera confronto entre indivíduo e sociedade (entre eu e os outros). As modificações corporais como a tatuagem, o body piercing, escarificações e tantas outras representam o registro físico da dominação do indivíduo sobre seu corpo, por tanto, corpo biológico e indivíduo são pensados de forma distinta, porém subordinados um o outro. A diferença entre o corpo do homem e o corpo da mulher e o estigma gerado com a interferência do sujeito em algo considerado sagrado em muitos contextos sociais e como isso se reflete no meio em que ele está inserido (escola, trabalho, família e religião) são alguns pontos importantes que a pesquisa procurará abordar. O uso da tatuagem como ritual de passagem e como isso se manifesta em indivíduos de diferentes culturas, transformando seus corpos em um registro vivo e dinâmico de suas vidas, apropriando-se de signos pré- estabelecidos e difundidos no senso comum, lhes atribuindo novos valores e representações como, por exemplo, a imagem milenar da carpa japonesa (peixe ornamental oriental), que tem por significados básicos, determinação e obstinação e que bem recentemente foi resignificado por membros de facções criminosas na Paraíba para distinguir membros de seu grupo, outro exemplo é a figura do palhaço, que perde a conotações de alegria e inocência e passa a apresentar contornos sombrios e expressões maléficas representando criminosos que se orgulham de ter matado policiais. O intento da pesquisa é mostrar como diversos grupos modificam a aparência externa de seus corpos de modo a se enquadrarem em certos parâmetros culturais e sociais bem como mostrar como o indivíduo manifesta o desejo de construção de seu corpo, seguindo seus próprios ritos de passagem. Tentar compreender o sentimento de envolvimento total e de entrega por parte do indivíduo a ser tatuado pelo tatuador que diferente de outros profissionais como, por exemplo, os médicos que



mantem um contato mais invasivo com o corpo, o tatuador age como um sacerdote, transformando não apenas o corpo biológico, sua interferência vai além abrangendo também o seu psicológico, afetando na maneira como o indivíduo se reconhece e como ele é reconhecido dentro das múltiplas relações sociais que ele desenvolve ao longo de sua vida.

*Bibliografia/Referências:* MARQUES, Toni. O Brasil tatuado e outros mundos. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. TURNER, Victor. 1982. Liminal to liminoid in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology. In : From ritual to theatre: the human seriousness of play. New York: PAJ. Pp. 53-92 MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. In: Sociologie et Anthropologie. Paris:Puf. 1997 a Pg 363- 386.

## UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PITOMBEIRA E SUA RELAÇÃO COM A FESTIVIDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

MARIA CLARA FARIAS ALVES

Localizado na divisa entre os municípios de Santa Luzia PB e Várzea PB, o quilombo da Pitombeira é uma comunidade rural remanescente de escravos. Atualmente em processo de reconhecimento como Quilombo pelo Sistema Regularização de Territórios Quilombolas. Sua população gira em torno de cento e cinquenta indivíduos distribuídos em aproximadamente cinquenta unidades familiares. Seu território é de 220,9056 ha, mas existem tanto moradores não quilombolas quanto vizinhos que ocupam terras que são reconhecidas como parte do território da pitombeira. Tais terras estão em processo de requerimento pela comunidade para que possam compor seu futuro território sendo oficialmente delimitado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. A comunidade se reconhece com quilombo de acordo com a



ancestralidade negra, através de relatos dos mais velhos da comunidade, quatro negros escravizados se refugiaram na localidade. Segundo os relatos dos locais, tais escravos tiveram apoio de um outro negro que havia ganhado posse da localidade de seu antigo dono como presente por seus serviços prestados e alforria, este seria Matheus Velho. De acordo com alguns moradores acredita-se que o Quilombo do Talhado seria uma divisão de famílias que antes moravam dentro do território da Pitombeira, porém pela falta de material para a fabricação de barro tais famílias teriam migrado para a região que hoje é conhecida como Quilombo do Talhado. A comunidade é majoritariamente católica, acreditasse que tal fato está ligado a religião de Matheus Velho que seguia a religião católica, sendo este devoto de Nossa Senhora do Rosário. Segundo relatos orais dos moradores da localidade, Matheus saía com seu cavalo e uma imagem de nossa senhora do Rosário da Pitombeira e peregrinava até a Matriz de Santa Luzia todo dia 7 de outubro em respeito a Santa. Assim criou-se uma peregrinação anual com os moradores da localidade e logo mais juntando aos vaqueiros da região dando início a tradicional cavalgada e procissão de Nossa Senhora do Rosário. A Festa do Rosário se inicia com os novenários e pequenas festas que se espalham pelas ruas da cidade e fazendas da zona rural, principalmente partindo da comunidade vaqueira que adicionou a festividade a seu calendário próprio. O ponto principal da festa ocorre no segundo sábado e domingo de outubro quando os devotos intensificam suas celebrações. Dante deste contexto, delimita-se a problemática da pesquisa entorno de: Qual a importância entre a relação Quilombo Festa de Nossa senhora do Rosário para a propagação da memória histórica da comunidade? O presente estudo tem como objetivo primordial analisar a relação entre a Comunidade Quilombola Da Pitombeira e sua relação com e Festividade De Nossa Senhora Do Rosário. A partir desmembrou-se os objetivos específicos: Compreender a história da comunidade da Pitombeira; Entender a relação Comunidade Festa do Rosário;



Observar a organização e execução da festividade.

AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE: Memória, Tradição e História de Vida

RAYSSA MORAIS DE BARRROS

O presente trabalho etnográfico foi realizado na comunidade de Barra do Camaratuba distrito de Mataraca e na aldeia Cumaru - Baía da Traição, ambas localizadas no estado da Paraíba. Com o objetivo de pesquisar e analisar o ritual das solenidades do São Pedro que acontece entre os dias 20 e 29 de junho. A análise desse ritual foi feita com base na experiência religiosa de Pedro José, conhecido popularmente por Pedro de fogo, tal recorte foi indispensável para a pesquisa, pois a história de vida de Pedro de fogo outrora esteve de forma intrínseca conectada à formação do ritual de procissão entre as duas comunidades. Mas também, com a descrição de vários personagens, oriundos de posições sociais e religiosas opostas. Outras inquietações surgiram na pesquisa, depois da conversão de Pedro de fogo, o passo era compreender como se dava a continuidade e a passagem do ritual nas duas comunidades, referente às procissões de recebimento e devolução da imagem do São Pedro, como também, de quem era a atual responsabilidade pela mesma. Para o alcance do objetivo utilizei da coleta de dados por meio da observação participante, descrevendo todo o ritual por meio de narrativas orais e registro fílmico. O trabalho dá início com a apresentação do sentido de festa e sociabilidade, para que por meio disso possa compreender a ligação entre as comunidades citadas, acompanhado da localização de Barra do Camaratuba e da Aldeia Cumaru, o campo religioso e suas mudanças, a festa de São Pedro, história de vida de Pedro José (Pedro de fogo) e o roteiro do filme etnográfico, assim também expor as dificuldades encontradas em campo pelo antropólogo nativo. Enfim, o trabalho apresenta uma dinâmica manifestada pelas visões da tradição, em um ambiente definido por oposições religiosas. Palavras chave: História de



vida; São Pedro; Conversão; Continuidade.

O registro audiovisual da cultura popular: a festa de Nossa Senhora dos Navegantes

OSWALDO GIOVANNINI JUNIOR

Trata-se de uma pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, uma festa popular tradicional que celebra a santa padroeira da comunidade de Coqueirinho, aldeia indígena Potiguara, pertencente ao município de Marcação/Litoral Norte da Paraíba. A festa envolve romeiros, turistas e comerciantes oriundos de diversas cidades da região do Vale do Mamanguape e de outras cidades do estado e dos estados vizinhos, perfazendo milhares de pessoas de diversas origens sociais e culturais. O evento culminante é uma procissão marítima, fluvial e terrestre que sai de Coqueirinho e segue em direção à Barra de Mamanguape, município de Rio Tinto. Ocorre no segundo ou terceiro domingo de dezembro, dependendo da fase da maré e é organizada principalmente por pescadores e zeladores das capelas das cidades envolvidas diretamente: Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação. A festa tem característica polifônica (BAKHITIN, 1987) e polissêmica (TURNER, 2005), perfazendo uma grande arena de disputas (STEIL, 1996) onde cada pessoa ou grupo se relaciona com o evento e com o sagrado e a paisagem de praia e mangue de modo diferenciado evidenciando uma grande diversidade de sentidos, por vezes complementares, por vezes conflitantes. Tal diversidade de sentidos é notado na forma como os envolvidos se comportam, como se postam corporalmente no ambiente e diante das imagens das santas, nos cortejos e nas situações festivas diversas, realçando de um lado a devoção com intensa experiência do sagrado e de outro a efervescência profana com intenso consumo de bebidas alcólicas, dando à festa um caráter dionísio (PEREZ, 2017). O projeto tem como objetivo, sob aporte da antropologia visual, realizar um registro etnográfico audiovisual da festa, procurando abarcar a diversidade de sentidos e personagens através de entrevistas com os principais produtores e



através do registro da festa em ato, compondo o cenário de pessoas e paisagens. Tais registros audiovisuais formarão um banco de imagens, a que chamamos de esboços (FRANCE, 1998), que serão assistidos posteriormente para análise juntamente com as pessoas filmadas, orientando assim a descrição e análise do evento social, realizando o que compreendemos como antropologia compartilhada (ROUCH, 2011). A festa e o ritual constituíram ao longo da história da ciência antropológica, como um significativo campo de pesquisa, tendo em sua produção e movimentação simbólica, uma fonte expressiva da vivência social e cultural dos grupos que a vivenciam. A festa é o momento em que a sociedade se reúne de forma extraordinária e se expressa (DURKHEIM, 1989).

*Bibliografia/Referências* ATHIAS, Renato. Aruanda. Antropologia Virtual, [S.l.], [20-]. Disponível em: [goo.gl/dF2mbQ](http://goo.gl/dF2mbQ) . Acesso em: 25 set. 2017. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabellais. Tradução Yara Frateschi Vieira. Brasília, DF, Editora da UNB; São Paulo: Hucitec, 1987. BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. BRANDÃO. Carlos Rodrigues. Os deuses do povo. Um estudo sobre religião popular. Uberlândia, Editora da UFU, 2007. \_\_\_\_\_. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Em: Sociedade e cultura. V 10, n 1, 2007. CANDIDO, Antonio. Ressonâncias. Em: \_\_\_\_\_. O albatroz e o chinês. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

Frei Damião como símbolo de fé  
SEVERINA SARAFIM DOS SANTOS

Este trabalho apresenta parte da vida e da obra de Frei Damião. Pretende refletir sobre as representações que seus seguidores fazem dele. Seus devotos acreditam que ele fazia e ainda continua realizando milagres, sendo visto por



alguns como um santo. Busco nesse trabalho analisar a importância que tem Frei Damião na vida dessas pessoas e qual o tipo de relação elas estabeleceram e ainda estabelecem com ele. A pesquisa será realizada na cidade de Guarabira, município Brasileiro do Estado da Paraíba, , iniciei com o trabalho de campo, onde tive contato direto com os fiéis e tive a oportunidade de conversar, observar e fazer fotografias dos momentos particulares deles com o frei. retrato vida do Capuchinho, sua biografia, sua jornada como membro da igreja, seus anseios e seu engajamento com os fiéis. Recorrendo á documentos antigos ,descrevo o memorial construído em homenagem ao frei, assim como seus milagres , fazendo também uma análise das fotografias que ficam na sala de ex-votos, complemento com as romaria que são feitas em prol de homenagear o Frei Damião e finalizando o que o processo de beatificação e como esta este processo que se encontra em processo ate hoje





